



Nitrobooks Fantasy

# O Segundo Éden

E outros contos de Fantasia e Horror

Newton Nitro



O SEGUNDO ÉDEN  
E OUTRAS HISTÓRIAS  
DE HORROR E FANTASIA

Escrito por

Newton Nitro

Nitrobooks

2014

Belo Horizonte

## O SEGUNDO ÉDEN

Olho-me no espelho. Nesse novo milênio, uso meu cabelo como o do Filho do Homem. Que ironia! Visto meu terno negro, minha bengala e saio para as ruas de um mundo acabado.

A aurora foi anunciada por um trio de Querubins cantando hosanas e aleluias na medida em que passavam pelos prédios e em torno das luzes das ruas e das esquinas.

À medida que eu observo o sol nascer, esses três anjos com rostos infantis passam, vestidos de couro e óculos escuros, seus dedos e dentes manchados de amarelo devido aos cigarros que fumam, e que deixam uma trilha de fumaça. Anjos humanos demais.

Espólios da guerra. Hoje é domingo, como ontem e o dia antes de ontem. De acordo com o decreto de Metraton, a voz de Deus, agora todo dia é Domingo.

Decadente, sabe demais.

Minha procura nesse mundo pós apocalíptico continua. Hoje é mais um dia na eternidade de minha busca.

Ando pelas ruas, alternando de cidade em cidade à cada passo que dou. Depois da guerra, todas as cidades da Terra estão unidas em um caos de ruas e bairros.

Construções se misturam, prédios americanos mesclados com templos chineses, casas coloniais européias presas dentro de bancos coreanos, etc...

Que mais que poderia acontecer depois que o Espaço e Tempo se liqüefizeram-se no calor de fogos demoníacos e divinos? Passeio em uma paisagem cubista.

Seria Picasso um profeta visual desse tempos finais? Ando em direção à Torre, erguida no centro desse pesadelo geográfico.

Metraton tenta dar algum sentido no caos, tenta evitar em vão a progressiva corrupção e decadência de anjos e humanos, forçados a conviver lado a lado após a guerra. Tenta liderar os sobreviventes, ser o Padrasto de órfãos loucos.

Saio de partes de uma Pós-apocalíptica Los Angeles misturada com um caótico Rio de Janeiro, agora finalmente secular e divino. Tudo completamente destruído. Tudo misturado em uma massa caótica.

Esquinas tailandesas se misturam com pedaços de vilas africanas, ruínas peruanas se empilham com igrejas russas.

Carros e caminhões ainda queimam em confusos montes de metal e vidro. Sinais de neon caídos nas ruas, ainda piscam suas luzes. Andando pelas ruas estão os loucos, os sobreviventes, milhões de seres lutando por um espaço nessa irrealdade. Refugiados das

grandes cidades se misturam.

Vindos de Tóquio, Roma, México, Berlin, e muitas outras, eles se reúnem em torno da Torre.

Os censos oficiais indicam que a população da Cidade já é de 100 milhões, mas os pagãos não são incluídos na contagem.

Os julgados vem de todas as partes.

Vem para ficarem perto dos anjos, os campeões da humanidade, os vencedores da Luz. Sete anos depois da vitória. Aleluia.

A pressão populacional é insuportável. Não existe água suficiente ou instalações para satisfazer os necessitados. Não que isso importe muito.

O Anjo da Morte já não caminha mais na Terra. Ninguém morre; apenas as plantas e os animais ainda retém essa benção. Pelo menos os que sobraram.

Fome, desidratação, doença e violência, tudo combina para diminuir mais ainda as condições de vida. As antigas guerras, as antigas atrocidades são brinquedo perto da vida na Cidade neste novo milênio.

Milhões de seres, sobrevivendo sem a benção da Morte.

Procuro um velho Jardim, agora que o divino e o profano se misturaram.

\* \* \*

Tenho caminhado muito, visto muito.

O que é isto?

Sinto o cheiro do pó da terra.

Finalmente.

Embaixo de um enorme viaduto ,sob uma mescla de Hong Kong e Marrocos, encontro o cenário de minha tragédia. Pouco mudara nos milênios que se passaram.

Finalmente.

Vou em direção à árvore , seus frutos impondo-se como meu destino. É uma velha árvore, já era velha quando meus pais eram jovens. Apesar de sua idade ela é pequena, seus frutos como punhos de crianças.

Na medida que colete os frutos, o guardião da árvore se enrosca em torno de meu

braço, me prendendo à árvore com seu corpo escamoso. Suas três cabeças que sibilam em uníssono forma uma voz múltipla.

\_\_Sstá na hora, Assassino? Já se passou tanto tempo que eu quase esqueci. SStá na hora de minha árvore crescer?

Eu acaricio cada uma de suas cabeças. Sua carne é suave e quente ao toque. Eu levanto seu corpo e sussurro suavemente em seus seis ouvidos,

\_\_ Breve, meu velho amigo. Breve, eu prometo à você...”

A serpente se enrosca como se fosse atacar.

Sibila uma ameaça:

\_\_ Eu devia ter matado você quando você roubou a árvore. Eu devia ter atacado, feito seus músculos torcerem, seus ossos quebrarem e seu cérebro queimar. Eu devia ter sugado você até morrer.

Veja o que fiz com o Mundo. Meu poder ainda persiste.

Respondi calmamente:

\_\_ Você conhece a Lei. Você não pode me tocar. Ninguém pode me tocar. Não sem medo da retribuição. Você é apenas uma sombra do que fora agora. Teu amado Caído não anda mais entre nós.

\_\_ Eu mantenho o olhar da serpente com o meu.

\_\_ Eu sei da Lei, Assassino,\_\_ ela diz\_\_ eu também sei que o Legislador abandonou sua raça. Eu poderia matar você agora sem temer a Sua Fúria.

A serpente balança em minha frente, como uma naja, esperando que eu baixe minha guarda.

\_\_ Você poderia, ancião. Se você tivesse certeza que Ele se foi. Mas você tem certeza? Você sabe de algo que os anjos e os humanos não sabem? Mas saiba em seu coração de que Ele se foi.. Tenha certeza que eu mesmo não carrego essa crença comigo.

E veja \_\_ levanto minha bengala em sua direção \_\_ já estou levando você comigo...

E minha bengala, uma vez mais, se transforma numa serpente, idêntica ao guardião da árvore. Assim como quando seu antigo dono a usou no Egito.

A besta urra de desgosto, cuspidando um veneno ácido no chão assim que se retira de meu braço. Ela se esconde relutante entre os galhos, deixando-me em paz para pegar o resto das maçãs.

Quando termino, os meus bolsos estão completamente cheios com os frutos escuros e doces. Eu desço as escada e volto às ruas.

Acompanho as multidões em sua procissão em direção à Torre. Nenhum merece minhas frutas. Mulheres, homens, crianças, olhares fundos, perdidos. Sabem demais.

Imediatamente, me encontro atrás de um grupo parado em um lugar que mais parece uma mistura de pirâmides egípcias e pubs londrinos, olhando em admiração para o céu. Acima, milhares de Ordens Celestiais de Anjos dançam um estranho balé aéreo, soltando milhares de folhas douradas, raios de luz e pétalas em seus rastros aéreos.

Uma espécie de guia turístico, um servo civil licenciado da Burocracia Celestial, indica para os espectadores os nomes dos anjos em revolução no céu, falando com uma voz televisiva:

— Lá , senhoras e senhores, ali, contornando a Torre nesse momento. Em vermelho e prata , aquele é Jehudiel, Arcanjo das Esferas. Sua batalha com o arquidemônio Gamichicoth acabou completamente com São Paulo. E veja atrás dele. Oertha, cuja defesa de New York foi em vão.

Rio para mim mesmo quando a multidão murmura um espantado “OHHHHH..”. Jehudiel e Oertha, sei.

Aqueles dois ali são apenas Farris e Hirzabin, anjos menores, parafusos na gigantesca máquina da Política Angélica. Burocratas sem nenhuma fama, apesar de Farris ser conhecido em alguns centros por sua preferência por jovens negros.

Nem todos os anjos são anjos.

\* \* \*

Passo por esses ignorantes e decido tomar um atalho através do Mercado. Ele está em piores condições que o resto da Cidade. Ecos da antiga ordem ainda parece renascer. Muitas lojas estão cheias de mercadorias para as multidões que chegam dos quatro confins do mundo. O comércio ainda está vivo, apesar do colapso de toda forma de organização.

Vendem uma centena de bugigangas, na sua maioria não autorizadas pela Administração. As camisetas estão em todo lugar com escritos: , “Meus Pais foram para o Céu e tudo que eu ganhei foi essa estúpida camiseta”; “Eu dormi durante o Apocalipse”, ou “Não deixaram o Advogado do Diabo entrar no Julgamento Final!” ,e até a minha favorita “Apocalipse Past!”.

Tem até aquelas pequenas bolas de acrílico com miniaturas de Cidades nelas. Quando você as sacode, milhares de pequenos anjos e demônios giram em uma miniatura do Armagedon.

Ando no meio da multidão, observando-os. As maçãs pesam em meus bolsos, as pessoas abrem caminho para mim. Meu terno negro completamente limpo os amedontra. Abro caminho com a minha bengala.

Vejo um grupo de crianças, o menor com 7 anos. Desde o Fim, não nasceram mais crianças, não existem mais almas para encarnar. O menor olha pra mim faminto, sua mão estendida em um pedido. Sorrio e tiro uma das maçãs e coloco em sua mão.

Ele olha para mim feliz e imediatamente coloca a maçã na boca.

Observo.

Após ela engolir o primeiro pedaço, sua boca começa a espumar. Ela joga sua cabeça para trás, urrando, um grito primal e animal, atraindo a atenção das crianças à sua volta. É o Processo.

Imediatamente depois, as outras crianças que estavam por perto percebem isso e atacam o meu pedinte, que revida mordendo e lutando como um animal selvagem. Não, ela é agora muito mais selvagem do que qualquer animal da antiga era.

Afasto-me.

Vejo que ela já carrega nos lábios uma orelha ensangüentada. A maçã que estava em sua mão já foi levada. Outro a devora e o Processo reinicia. Sorrio levemente. Geração do amanhã. Vou em direção à ponte.

Estou na Ponte, que separa a Cidade da Torre. Aqui se reúne o Clero. Evito fazer contato visual com os imundos e maltrapilhos padres. Vítimas da guerra.

Vítimas de sua ocupação. O clero realmente caíra, talvez mais desorientados do que os anjos (quem precisa dos que interpretam a Palavra quando aqueles que falam a Palavra andam conosco?).

Jogo maçãs para suas mãos egoístas. Eles sabem demais. Eles me agradecem. Eles me abençoam. Eles me pergunta se quero me confessar e empurro-os para longe com minhas botas. Abro caminho com minha bengala. Deixo se transformarem em bestas.

Eles me seguem quando eu aperto meu passo.

Passo pelo Mar que a ponte cruza, de onde Leviathan tinha-se erguido, lutado e morrido junto com Raphael.

Milhares de navios, submarinos, aviões, soldados incapazes de morrer, bóiam, semisubmersos em suas águas. Seus gemidos acompanham as ondas que batem nos pilares da ponte.

O Anjo da Morte foi derrotado, glória aos céus!

Caminho pela ponte.

No outro lado, membros da ordem dos Penitentes, pregados em cruzes – suas carnes rasgadas e apodrecendo. Grande nuvens de moscas voam em torno deles, impregnando os ferimentos abertos com milhares de ovos. Os ovos germinam e bilhões de vermes comem vagarosamente suas carnes incapazes de morrer.

Imitadores imortais do Cristo. Formam uma bizarra floresta de cruzes, decadência do conhecimento de Deus. Sabem demais.

Passo por eles e escuto seus clamores, seus gritos aos céus:

— Estou aqui, Pai! Eu sou o seu filho feito à sua imagem! Perdoa-me Pai! Acaba com meu sofrimento! Liberte-me de minha prisão terrestre!

Muitos já estão além de qualquer possibilidade de gritos ou preces. Muitos, caem das cruzes com suas carnes tão apodrecidas que seus corpos se soltam de seus braços. E ficam se decompondo no chão, imortais.

Já posso ver bem a Torre, gigantesca, emergindo como um iceberg do mar de prédios destruídos e misturados em uma arquitetura psicótica. Patética tentativa dos Arcanjos de terem uma referência, de se apegarem ao passado.

Ele jamais aprovara a Torre. Ele nem ligava mais, se é que algum dia ligara. Metraton estava louco. Sabia demais. Humano demais.

Vejo o enorme Portal além dos Penitentes. Foi feito com a espinha dorsal de Menmoch-Baal, cimentado com sangue do Cordeiro. Dos dois lados, os Grigori, os que vigiam os portais, barram as multidões com suas espadas de fogo. Gigantescos, erguem-se em uma pose decadente, como se realmente acreditassem que havia algum sentido em tudo aquilo.

Seus milhares de olhos de fogo em suas cabeças, suas centenas de asas, suas peles imaculadamente brancas, suas armaduras manchadas com o sangue de anjos e demônios.

Tenho que pagar em ouro para passar pelo portal. Só os que pagam podem viver na cidadela terrestre dos anjos. Avanço sem olhar para os guardiões, e uma enorme espada de fogo barra meu caminho.

Um momento de tensão, no qual nenhum de nós se move. Então o segundo Anjo se aproxima de mim e olha para meu rosto. Ele sopra gentilmente parte do meu longo cabelo para longe de minha face. Seu hálito cheira à lírios e rosas. Ele me estuda cuidadosamente. Então, mais suavemente ainda do que sua aproximação, ele e seu camarada se afastam deixando-me passar sem maiores problemas.

Entro na Nova Jerusalém.



Além dos Grigori, passo pelos Elísios, a grande praça onde o Colosso Divino está sendo construído. Muito maior do que qualquer estátua humana, maior do que a Liberdade ou o Redentor. Olhando para cima, vejo milhares de humanos trabalhando para levantar a massiva estrutura metálica.

Abaixo deles, Anjos menores cobrem o esqueleto de metal com ouro. Perto, a gigantesca cabeça do monolito com seus olhos de aço frio e seus cabelos feitos de fogo líquido, esculpido das poucas memórias que os Anjos ainda tem de seu criador.

Olho para a enorme cabeça, de uns 60 metros de diâmetro. Ela me faz lembrar da face de Gog-Magog, quando ele se levantou junto com milhares de forças militares, de sua prisão milenar no deserto do Oriente Médio.

É na face de Deus que vejo a Besta refletida ou vice-versa? Os olhos são os mesmos, e a boca. Sim, todas as criaturas de Deus dividem com Ele Seus Olhos e Sua Boca.

Eu me recordo quando Metraton, a Voz de Deus, decretou, provavelmente em desespero, a construção desse ídolo de ouro. Ele falou com uma voz estranha, humana, cheia de confusão:

\_\_ Os Caídos foram derrotados. Nós somos os vitoriosos. E qual foi o preço de Nosso Triunfo? A Cidade Celestial está em ruínas. Bilhões dos Filhos de Adão foram executados, milhões desapareceram do infinito. Os Três que são Um estão perdidos para nós. Os mais poderosos entre nós buscaram a Eternidade e falharam. Estamos sozinhos, abandonados, esquecidos. Os Serafins, os Sete Arcanjos se reuniram e decidiram.

A Hierarquia precisa ter sua Nova Jerusalém. Os Filhos de Adão precisam ter um Deus.

Vejam agora! Temos um novo Deus para essa nova Era. Um monumento com base nas visões dos anjos. Algo para acreditar. Algo para reerguer o Mundo, para continuar o Plano. Idiotas! Imbecis! Lutam para ainda se manterem no passado! Sinto vontade de vomitar e de gargalhar ao mesmo tempo. Anjos e homens, sabem demais. Conhecimento demais.

Tomo um tempo distribuindo alguns frutos entre os trabalhadores. Eles recebem incrédulos, muitos não se alimentam à dias, meses, continuando apenas pelo sentido de devoção. Sentido falso, como todos os outros.

Conhecimento.

Choro por essas crianças.

Saio da praça não deixando os Anjos da Compaixão, os Ishshim, verem minhas lágrimas. Atrás de mim, os trabalhadores já estão soltando gritos selvagens.

\* \* \*

Passo para a gigantesca área que circunda a Torre, na região onde alguns cidadãos chamam de Jardins dos Enforcados. Aqui encontro mais loucura.

Como os Penitentes, essas pessoas buscam um fim ao seu sofrimento. Diferente de seus irmãos eclesiásticos, os Enforcados não fazem nenhum pedido ao Pai.

Ao invés, calmamente, educadamente, eles vem aqui para cometer suicídio. E repetem indefinidamente o pecado mortal. De início usavam venenos, depois se esfaqueavam, mais nada os fazia sequer terem a sensação de morte. Foi quando experimentaram o enforcamento.

Eles vem, aos milhares, se enforcar nesses jardins. Os anjos do portal os deixam passar, cobrando seu preço de ouro. E eles se dependuram nas muitas árvores que circundam a Torre e se enforcam.

Muitos usam roupas com cores que possam ressaltar seus rostos arroxeados e suas peles sem oxigênio.

Ficam dependurados, imitando como se estivessem mortos, imóveis, seus corpos como decorações de natal. Ficariam assim sempre, se não fosse as gangues dos Querubins aparecerem se divertindo separando os corpos dos Enforcados de suas cabeças.

Gargalham sadicamente ao verem seus corpos caírem no chão, as cabeças presas nas cordas pelos pescoços gritando para pararem. Anjos delinqüentes.

Conhecimento demais.

Passo por um vendedor com sua pequena tábua de camelô, gritando para a multidão que me cerca:

\_\_ Cordas, cordas finas, cordas brancas, negras as melhores.

Do seu lado, um querubim com um dos olhos vazados carrega uma quantidade impressionante de cordas. O gordo vendedor se aproxima de mim e diz:

\_\_ Uma corda para você, meu amigo?

Olho para ele. Nesses vendedores eu me conforto. São ignorantes. Ele continua:

\_\_ Ei, amigo, só perguntei. Vejo que você não é um dos que se enforcam regularmente, não vejo cicatrizes em torno de seu pescoço.

Desisto de dar um dos frutos para esse. Já é cético demais. Ignoro-o e vou em direção à Torre, que já cobre totalmente o meu campo de visão. Mas antes, vejo uma

construção nos arredores. Uma enorme fogueira está sendo feita em sua frente. É uma enorme biblioteca, uma mistura de várias bibliotecas de todo o mundo, mesclada pelo caos do Armagedon.

Na sua frente, uma pilha impossível de livros estão queimando. As janelas e as portas dessa bizarra biblioteca estão todas quebradas. Pelas fendas da construção (que mais parece uma obra cubista) vejo centenas de homens e mulheres carregando livros para a grande fogueira. Vejo que já comeram de meus frutos.

Eles parecem ter uma ordem para queimar os livros, ordem pela inutilidade do conhecimento. Os primeiros livros à serem queimados foram os de Filosofia, seguido pela Ciência e talvez pelos de Política.

Vejo que estão queimando os de História agora e talvez os de Economia. Passo pelo meio do fogo, e ao sair deixo o resto de meus frutos para estes traidores da razão. Aleluia!

Na minha frente vejo a Torre. Novamente, muito maior que a anterior, essa é trabalho de homens e anjos desesperados. A Torre agora chegou ao Céu, e o encontrara vazio. O Paraíso estava destruído, seu Criador sumido. Agora, Metraton usa a Torre como seu centro de poder.

Ridículo.

Entro, passando por dois anjos com rostos de cães, maiores do que os guardiões da entrada. Cheiram à suor e sangue. Sou informado que estou na Central da Administração Celestial. Nenhum incidente me bloqueia. Sou esperado por Metraton.

Encontro o Chefe Interino dos Céus imerso em torpor. Dois Serafins ao seu lado entretidos no trabalho de injetar cocaína em seus braços gigantescos.

O supremo Arcanjo fugindo do peso do Cargo à ele deixado. Ao me ver, ele abre seus olhos. Está no centro da sala no andar mais alto da Torre, seu tamanho colossal contrastando com a fragilidade que vejo em seus olhos de fogo. Suas centenas de asas se estendem na medida em que percebe minha presença.

A sala é imaculadamente branca, limpa, mármore liso dos chãos ao teto. Em meio às suas pernas, por entre as transparências de seu robe, vejo nascer enormes órgãos sexuais masculinos e femininos. Decadência de uma potência cósmica. Sinto nojo. O conhecimento já o infectara muito.

Sua voz ecoa na sala, estranhamente humana, olhos dopados:

\_\_ Isto é sua falta. Você sabia que isso iria acontecer. Nós devíamos ter matado você por isso. Destruímos arquidemônios por muito menos. Nós deveríamos mandar você gritando para o abismo, agora vazio. Nós vamos nos vingar em você.

Eu olhei para aquele anjo ultrapassado. A antiga Voz de Deus. Um ditador patético

e murrinhento. Meu olhar é frio, negro e direto:

\_\_ Você não fará nada \_\_ digo à ele \_\_ O seu tempo acabou. O Coral de Deus já foi escolhido e a sua voz foi considerada muito dissonante. Pertence ao passado. A Era de Deus e de Sua lei passaram.

É o Meu tempo agora. Vai haver uma nova era e um novo Deus. Eu garanto que não será aquele triste monolito que você é tão fanático em construir.

O rosto de Metraton trai sua queda na humanidade ao mostrar a mortal sensação de espanto. Sinto pena dele. Sinto pena de todos eles. Os Anjos, quase divinos mas ainda imperfeitos. Sabem demais. Conhecem partes do Plano, mas não seus detalhes, nuances e complexidades.

Sinto que é hora da revelação:

\_\_ Sou Caim. Filho de Adão, Filho primeiro do Senhor. Carrego o Bastão do profeta Moisés. Meus pais provaram as frutas da árvore do conhecimento.

Fazendo isso, Deus plantou suas Sementes, cuidou de Seu jardim, e lhes deu as melhores frutas, as piores frutas, frutas doentes, frutas verdes, doces... Mas nós vivíamos dessas frutas.

Tiro uma última maçã de meu bolso.

\_\_ Esta é a fruta da segunda árvore, a Árvore da Ignorância. De suas sementes um novo Éden nascerá. Assim como com a árvore original, ao homem será oferecida essas frutas. As devorará e das sementes em suas fezes elas se multiplicarão. Essas não são as frutas de conhecimento e imortalidade.

Vimos o que elas causaram no final. Essa são as frutas da ignorância e do esquecimento.

O Homem precisa retornar às suas origens. Ele precisa ser sem pecado e sem mente, assim como as bestas do campo. Esta foi a minha missão, amaldiçoada à mim pelo Senhor desde o início dos tempos.

Eu levarei o homem da luz às trevas...

Sou a Chama Nua...

Eu olhei em contentamento quando o êxtase da revelação tomou conta de Metraton. O Apocalipse final, finalmente.

Com sua nova consciência, sua necessidade completa, Metraton vagorosamente se dissolve no éter da Criação. O aprendera o único conhecimento que importava agora. Em todo o mundo, os Anjos dissolvem no nada.

No meio de tudo Metraton fala :

\_\_ A Profecia está cumprida. O Alfa e o Omega. No Fim...” \_\_ e se vai.

Então surge uma segunda voz, uma voz do Mundo, a Minha voz:

\_\_ Faça-se a Escuridão! \_\_ e a Escuridão se fez.

Eu fecho meus olhos e espero para o mundo começar novamente...

\* \* \*

FIM

## RIQUE PÓ, O MENINO QUE SOBREVIVEU

\_ Parado aí véi, se der um passo morre!

O gigante levantou os braços, pensando no bebê que chorava, dentro do berço preso na garupa de sua motocicleta voadora. Os traficantes o cercaram, camisas soltas sobre bermudas, armas apontadas em sua direção. Ele devia ter escutado o velho neomago, o Complexo do Alemão não era o melhor lugar para descobrir um refúgio para o escolhido.

\_ É o seguinte, cara, deixa sua moto aqui e sai fora. Leve esse catarrento junto com você.

Ele tinha que salvar o bebê. As ordens eram simples, levar a criança para uma família mundana, longe das garras do Dr. Walmort.

Dr. Walmort não podia encontrar esse bebê. Coisas da vida de neomagos quânticos.

E da porra do fluxo narrativo.

Tinha sido o Dr. Walmort que explodira o Haldron Collider, reestruturando o campo quântico e o tornando maleável de acordo com a vontade humana.

Magia de verdade, mas apenas para aqueles que, como Walmort, possuíam um gene raríssimo em seu DNA. Neomagos.

Porém, ao invés de um caos absoluto causado pela quebra constante das leis da natureza, os neomagos se viram restritos em suas ações pelo fenômeno do fluxo narrativo.

A porra do fluxo narrativo.

O inconsciente dos neomagos começou a afetar a causalidade dos acontecimentos, prendendo suas ações dentro de narrativas familiares de um mundo onde a magia é real.

E a narrativa que venceu, e que o transformou em um gigante com barbas e capacidade mágica reduzida, foi, é claro, a baseada nos livros da mais famosa escritora do mundo.

Assim, quando ele abriu as portas do seu apartamento do Leblon e viu um neomago velho e de barbas brancas com um bebê nos braços, ele tinha certeza absoluta que estava completamente e absolutamente fudido.

\_ Vocês não entendem, esse bebê...

Ele escutou um tiro. E apenas isso.

\* \* \*

\_ Quem atirou! Quem atirou, caralho! \_ disse Diego Sabão.

\_ Foi mal chefia.

Perninha olhava para o chão, sua ponta quarenta fumegando atrás de suas pernas tortas. O gigante jazia ao lado da moto, com uma bala na cabeça. O bebê berrava como se estivesse pegando fogo. O tamanho daquele homem o tinha deixado nervoso. E a barba. Perninha sempre teve medo de barbas muito longas. Talvez por ter sido estuprado por um homem vestido de papai noel quando tinha apenas quatro anos, dentro do Barra Shopping.

\_ Vou fazer o quê com esse bebê?

\_ Podexá que eu levo ele. A patroa vive me enchendo o raio do saco dizendo que não tenho bala na agulha para dar uns muleque pra ela. Eu levo esse aí.

\* \* \*

E Rique Pó cresceu no meio da bandidagem, traficando aos 6 anos, matando Perninha aos 12 e virando o mais poderoso traficante do Complexo do Alemão aos 17.

Descobriu que era diferente dos outros meninos do morro quando arrancou o coração de um fogueteiro que insistia em lançar fogos na sua direção. O que foi peculiar é que ele apenas apontou um graveto em direção ao pivete e disse a palavra “Accio”. O coração irrompeu do peito do fogueteiro e veio até as suas mãos, em meio aos gritos desesperados das outras crianças. Foi o dia mais feliz de sua vida.

Naquele mesmo dia Rick matou Perninha, que o espancava toda vez que chegava em casa bêbado e drogado. Com um simples “Ferreteuns”, Rique derreteu o rosto do seu pai adotivo de pernas tortas.

As palavras mágicas vinham em sua mente naturalmente. Um “Avada Kedavra” e pronto, o chefe dos traficantes do Complexo do Caju não era mais um problema. “Bombarda” e tchau, tchau, Unidade de Polícia Pacificadora do Complexo do Alemão.

Em pouco tempo se tornou o traficante mais poderoso do Rio de Janeiro.

O fluxo narrativo o ajudava. Aprendeu mais sobre magia quântica ao roubar a pedra do craque filosfal de um neomago bicheiro da Barra da Tijuca. Destruiu a câmara secreta onde se escondiam um grupo de neomagos do Novo Terceiro Comando. E conseguiu escapar mesmo depois de ser preso em Bangu 1 por um grupo do Bope liderados por um neomago.

Um grupo de jovens neomagos, que tinha se organizado no Fênix Futebol Clube, pediu sua ajuda para acabar com a crescente ameaça do Dr. Walmort. Odiando imediatamente aquele bando de playboys e patricinhas, Rique Pó os imobilizou com um “Impedimenta” e depois os queimou em pneus, como um aviso para que nenhum outro neomago ousasse subir no morro.

Forçado pelo fluxo narrativo, Walmort enviou seus servos neomagos para matar o jovem.

Rique reagiu. Para os neomagos mais fracos, um simples tiro na testa resolvia. Para os mais poderosos, nada como bombas colocadas em carros ou em suas casas para cuidar do problema. E quando tudo dava errado, o jeito era apelar para a magia mesmo. Um simples “Wingardium Leviosa” levitava o cérebro de sua vítima rompendo a tênue ligação com o cerebelo. Morte instantânea.

Mesmo temendo o fluxo narrativo, o Dr. Walmort desafiou Rique para um duelo. Rique marcou o confronto para o campo de futebol do Complexo do Alemão. Em um domingo, é claro, porque ninguém é de ferro.

O velho Walmort chegou a entrar no campo, com Rique o esperando no centro do terreno de terra batida. Depois de dar dois passos, Walmort explodiu, pisando em uma mina terrestre que Rique tinha roubado recentemente do exército do Rio de Janeiro.

Rique sorria quando um tiro o acertou na nuca.

\_ Isso é pelo Perninha, seu muleque mimado dos infernos! \_ disse Diogo Sabão.

E em meio aos seus neurônios espalhados pelo chão, estava o último pensamento de Rique Pó.

\_Foda-se o fluxo narrativo.

FIM



## LÁGRIMAS NO CÉU

Do alto de sua Caern, nos Montes Rochosos, um índio de pele avermelhada alto, de cabelos longos e negros presos com o símbolo sagrado dos Uktena feito com as penas da Águia Cinza meditava. Ele estava ouvindo o som dos Tambores Espirituais dos Cheyenne invocando o Protetor-da-Tribo.

O índio levantou-se e olhou em torno. Ele estava sozinho. Do alto das pedras onde gostava de meditar no Grande Espírito, ele podia ver as chamas acesas pelos seus companheiros Uktena de sua Caern, uma enorme caverna encravada em meio a uma montanha que eles chamavam de lar.

Bem não era apenas uma caverna, era o coração espiritual da sua segunda tribo, os Uktena. Porém não era os Uktena que ocupavam os seus pensamentos. Eram os Cheyenne. Com um leve pensamento, o índio se transformou em um enorme lobo vermelho e desceu as pedras em direção a Caern.

Os Tambores apenas tinham confirmado os sonhos que Nuvem-Vermelha tivera nas últimas luas. Como um Theurge, um dos homens-lobo nascidos na Lua Crescente, Nuvem-Vermelha tinha muitas visões, especialmente em relação à sua tribo de origem. Ele tinha sido um Cheyenne antes de se tornar um Uktena. Mas como mandava a lei do Grande Espírito, ele protegeria sua tribo de origem até a morte. Sempre foi assim a relação entre os homens-lobo e as tribos humanas das Terras Puras.

Pelo menos até a chegada dos Arautos do Wyrm, os “homens-brancos”.

Todas as noites Nuvem-Vermelha sentia o Grande Espírito urrar de dor e ódio, a cada avanço dos “homens-brancos” pelas Terras Puras. Eles traziam a doença que estava consumindo continentes velhos, a doença que chamavam de “civilização”. O aumento dos chamados aos Protetores-de-Tribo que pertenciam ao seu Caern indicava a destruição causada pelos Arautos do Wyrm, o rastro de morte deixado pelas tropas de “casacos azuis” ao avançar pelo interior das Terras Puras.

Vários Uktena já tinham partido para ajudar os Apache, os Cherokees, os Navajos, os Yakamas, e muitos não haviam retornado. Milhares de tribos humanas estavam desaparecendo, sendo corrompidas, alienando-se do Grande Espírito, e a força dos Uktena estava se mostrando inútil para conter o avanço dos homens-brancos.

Mas não eram apenas tribos humanas que estavam perecendo. Os Croatan, uma tribo irmã de homens-lobo, havia sido destruída em um embate furioso com o Devorador de Almas, um espírito maligno invocado por Dançarinos da Espiral Negra infiltrados por entre os “homens-brancos”. O Maldito devorara as almas dos Croatan, aumentando o poder da Wyrm sobre as Terras Puras.

Por isso os sonhos que antecederam o chamado dos Cheyenne haviam deixado Nuvem-Vermelha preocupado.

Nuvem-Vermelha sonhara com uma gigantesca sombra passando por cima dos Cheyenne. No sonho, os membros da tribo tentavam fugir da sombra, mas ela os alcançava e os queimava vivos, com um fogo negro e maligno. Depois que a sombra passava, um vento fortíssimo soprava, e a tribo, transformada em cinzas pelo fogo negro, ia se desfazendo até não restar mais nada. Ele tinha que ir até a sua tribo de origem.

Urso-Forte lhe pediu que levasse outros Uktena com ele, mas Nuvem-Vermelha quis ir sozinho. Depois da destruição dos Croatans, Nuvem-Vermelha não queria que o mesmo acontecesse com os Uktena. Ele iria sozinho e se tivesse que morrer, o seu espírito poderia avisar os outros Uktena e dar tempo para que pudessem se preparar. Ou esconder. A não ser que tivesse sua alma devorada por um Maldito.

O Apocalipse estava começando, mas os Cheyennes não ficariam desprotegidos. Eles tinham um Protetor.

Nuvem-Vermelha partiu em direção à sua tribo, usando sua forma de lobo-vermelho em sua viagem. Havia passado muitas primaveras desde que ele tinha estado com a sua tribo humana, e as memórias de sua juventude inundavam sua mente, à medida que ia cruzando as paisagens áridas da vastidão das Terras Puras.

Imagens dos carinhos de sua mãe Cheyenne, das primeiras caçadas de búfalo com seu pai, da sua iniciação nos segredos da terra e do Grande Espírito, do dia quando surgiram os primeiros sinais da sua herança lupina, da celebração da tribo quando da revelação de ser um Filho do Grande Espírito, um dos escolhidos pelos Uktena, a divina tribo dos homens-lobo. E ele se lembrava principalmente do juramento de sangue onde se sagrou Protetor dos Cheyenne.

Durante várias luas, Nuvem-Vermelha cruzou o deserto, passou por cânions e pela vegetação esparsa e ressecada do território entre sua Caern e a aldeia Cheyenne. Não via tantos búfalos quanto se lembrava, eles estavam mais raros. Um mau sinal.

Quando finalmente se aproximou do vale onde ficava a aldeia Cheyenne, Nuvem-Vermelha teve a confirmação dos seus medos. Ele sentiu um cheiro que conhecia muito bem. Era um cheiro acre e doloroso, vindo da putrefação de uma grande ferida espiritual. Era cheiro da morte sem honra. O cheiro de um massacre. O mesmo cheiro que sentira quando entrara no palco da morte dos Croatan. O cheiro de almas devoradas.

Mantendo sua forma lupina, Nuvem-Vermelha entrou na aldeia dos Cheyenne. Havia muito mais tendas do que ele se lembrava, porém quase todas estavam rasgadas, queimadas ou destruídas completamente. Apesar do fogo já ter se extinguido a muito, o cheiro de madeira, couro e carne queimada faziam o seu sangue ferver.

Nuvem-Vermelha assumiu sua forma humana e correu para o centro da aldeia, o foco da enorme ferida espiritual. Quando conseguiu passar pelos destroços das cabanas e pelos cadáveres de cavalos e porcos selvagens queimados, ele caiu de joelhos ao ver o que o aguardava no centro da aldeia. O guerreiro Uktena implorou para que o Grande Espírito arrancasse os seus olhos naquele momento, para apagar a visão terrível que estava na sua

frente.

Empilhados no meio do Círculo Sagrado onde eram realizados as Grandes Danças, estavam centenas de corpos queimados e completamente enegrecidos, misturados uns aos outros em uma grotesca montanha de cinzas. Corpos de Cheyennes mortos; guerreiros, mulheres, crianças e velhos, estavam empilhados uns em cima dos outros, preenchendo completamente o Círculo Sagrado.

A maioria dos corpos estava completamente queimada e irreconhecível, mas muitos ainda guardavam expressões de horror e desespero em seus rostos. Nuvem-Vermelha se aproximou dos corpos e notou que todos estavam perfurados, marcados com os buracos característicos das armas dos homens-brancos, os canos-de-trovão ou “rifles” como eles chamavam.

Armas covardes, armas dos fracos. Ele sabia que seus pais deviam estar ali. O ódio explodiu em sua garganta e, tomado a enorme forma de Homem-Lobo, Nuvem-Vermelha uivou para a lua cheia que emoldurava a cena infernal.

\_\_Você demorou Protetor-da-Tribo!

Nuvem-Vermelha se virou, ainda em sua forma de Homem-Lobo. Cinco guerreiros Cheyenne o estavam cercando. Quatro dos cinco ele não reconhecia, eram jovens, recém aceitos como guerreiros, como mostravam a pintura em suas faces. Porém o quinto ele conhecia, muito bem. Era um forte Cheyenne, mais novo do que ele, com os cabelos longos e negros soltos ao vento do deserto, e com uma cicatriz cortando o olho esquerdo, marcando uma face não muito diferente da sua. Era Trovão-Furioso, seu irmão humano.

Nuvem-Vermelha reverteu à sua forma humana e perguntou:

\_\_O que aconteceu aqui...

Trovão-Furioso se aproximou de Nuvem-Vermelha e tirou uma faca de sua cintura. Era a Presa da Lua, a faca sagrada feita com o marfim dos chifres do búfalo morto quando um guerreiro cheyenne passava pelos Rituais de Sangue e se tornava um homem. Abrindo a mão, Trovão-Furioso passou a lâmina da Presa da Lua por sua palma, fazendo um risco rubro horizontal. Abrindo sua mão para Nuvem-Vermelha, ele respondeu:

\_\_Veja, irmão. Quando nos cortamos nós sangramos! E a cicatriz não fecha! Não como você, não como os Homens-Lobo! Você falhou como Protetor-da-Tribo, Nuvem-Vermelha... De que valeu essa cicatriz que você me fez quando se transformou pela primeira vez em um homem-lobo? VOCÊ FALHOU! Droga, se ao menos eu tivesse o seu poder...EU NÃO TERIA ABANDONADO A TRIBO!

Nuvem-Vermelha segurou a mão cortada de Trovão-Furioso, enquanto encarava os seus olhos. Os demais cheyenne olhavam para os dois, impassíveis. Nuvem-Vermelha, apesar de mais novo do que Trovão-Furioso, era o Protetor-da-Tribo e assim tinha mais autoridade do que seu irmão. Porém as palavras de Trovão-Furioso ecoavam em sua mente.

“Você falhou como Protetor-da-Tribo!”. Será que isso era verdade? Os Uktena eram mais importantes do que os Cheyenne?

\_\_ Porque vocês não me chamaram antes...\_\_ murmurou Nuvem-Vermelha, ainda segurando com força a mão cortada de Trovão-Furioso.

Trovão-Furioso baixou a cabeça. Nuvem-Vermelha soltou sua mão e olhou para ele. Depois de alguns momentos de silêncio, Trovão-Furioso respondeu, ainda de cabeça baixa:

\_\_ Fomos enganados. Há muitas primaveras estamos guerreando com os Sioux do norte pela posse dos Campos dos Búfalos. Porém nas últimas luas estávamos perdendo as batalhas por causa dos “canos-de-trovão” que os Sioux estavam recebendo de uma tribo de homens-brancos chamados de “casacos-cinza”, ou alguma coisa parecida. Um dia recebemos um mensageiro de uma outra tribo de homens-brancos, os “casacos-azuis”, dizendo que eles eram inimigos dos homens-brancos “casacos-cinza” e que nos dariam “canos-de-trovão” para derrotarmos os Sioux.

Nuvem-Vermelha olhou para Trovão-Raivoso. O que o seu irmão estava lhe dizendo? Cheyennes lutando contra Sioux? Isso era impossível. Cheyennes tentados a usar a arma dos covardes, a arma dos Arautos da Wyrn? Isso era magia de corrupção dos homens-brancos. Mas como os Cheyenne puderam ser seduzidos por isso? Parecendo adivinhar o seu pensamento, Trovão-Raivoso continuou:

\_\_ Muitos de nós fomos contra a idéia. Não é honroso lutar com os “canos-de-trovão”, uma arma que faz com que o mais forte guerreiro morra pelas mãos de um fraco. Mas a tribo estava passando fome, irmão, os búfalos estavam cada vez mais raros e os Sioux estavam nos expulsando de nossas terras.

Nuvem-Vermelha murmurou:

\_\_ Não se deve aceitar presentes dos Arautos do Wyrn...

Como se não tivesse escutado, Trovão-Furioso continuou:

\_\_ O mensageiro trazia um carregamento com alguns “canos-de-trovão” como prova de boa-fé. Os testamos na batalha contra os Sioux e pela primeira vez em várias luas, conseguimos vencê-los. Matamos vários búfalos no território Sioux e fizemos um banquete para toda a tribo. As mulheres dançaram no Círculo Sagrado e as crianças puderam rir novamente.

Depois de uma pausa, Trovão-Raivoso continuou, colocando a mão no ombro de um dos guerreiros, um pequeno e forte cheyenne:

\_\_ Este é Punho-Flamejante, irmão. Ele é o nosso melhor rastreador e tinha ficado no campo de batalha para espionar as movimentações dos Sioux depois da derrota. Bem, em meio à festa da vitória, Punho-Flamejante retornou para a tribo dizendo que ouvira os Sioux dizendo que os “casacos-cinza” enviariam muitos guerreiros brancos para destruir a

nossa aldeia. A festa acabou naquele momento.

Trovão-Raioso parou por um momento e depois continuou:

\_\_Não sabíamos o que iríamos fazer. A nossa honra nos impedia de fugir e não tínhamos “canos-de-trovão” suficientes para nos defendermos. Estávamos discutindo no conselho da tribo quando o mensageiro dos “casacos-azuis” apareceu. Ele parecia saber do que estava acontecendo e disse que se os guerreiros o acompanhassem até à sua tribo, ele daria mais “canos-de-trovão” e ainda cederia alguns dos seus guerreiros para enfrentar os Sioux e os “casacos-cinzas”. Separamos dez dos nossos melhores guerreiros e fomos para o lugar que o mensageiro dos homens-brancos chamava de “Forte Bowie”. Como íamos deixar poucos guerreiros para trás, usamos os Tambores Espirituais para invocar o Protetor-da-Tribo...

Trovão-Raioso cerrou os dentes e fechou os punhos, e um fio de sangue escorreu de sua mão cortada e caiu sobre a terra. Pelos dentes cerrados, o Cheyenne continuou:

\_\_Um grupo de “casacos-azuis” nos esperava no Forte Bowie.No momento em que nos viram, abriram fogo com seus “canos-de-trovão”. Porém, como todo homem-branco, eram guerreiros muito fracos, e só conseguiram nos derrotar devido aos “canos-de-trovão”. Dos vinte guerreiros que foram para o forte só restaram nós cinco. Retornamos imediatamente para a tribo, porém tivemos que nos esconder por causa de um grande grupo de guerreiros que estavam saindo do vale Cheyenne. Não pude acreditar quando vi dezenas de guerreiros Sioux andando lado a lado com guerreiros “casacos-cinza” e com os “casacos-azuis”. Malditos traidores! Parece que a guerra entre os “casacos-cinza” e os “casacos-azuis” havia terminado e agora eles estavam decidindo quem ficaria com as nossas terras.

Trovão-Raioso deu uma outra pausa e exclamou com dificuldade:

\_\_Nesse momento vimos gigantescas chamas que vinham da tribo. Foi difícil deixar de atacar os nossos inimigos naquele momento mesmo. Voltamos e nos escondemos. Eu podia escutar os gritos da nossa tribo mesmo à distância. Não agüentei escutar os tiros e os gritos de nossas mulheres e crianças e corri para a aldeia. Porém vi uma enorme sombra negra pairando sobre as tropas de “casacos-azuis” que chacinavam a nossa tribo. Senti um aperto no coração, uma sensação de que ia morrer ali mesmo. A sombra tinha a forma de uma aranha gigante, com dois olhos vermelhos no local onde devia ser sua cabeça. O seu olhar me petrificou, ela parecia sorrir em meio ao massacre. Os “homens-brancos” pareciam não vê-la, mas ela estava lá. O olhar da gigantesca sombra foi a última coisa que eu vi. Punho-Flamejante me acordara ao amanhecer, quanto tudo já havia acabado. Isso foi a uma lua atrás... Você não viu o fogo porque no dia depois do massacre, o Grande-Espírito chorou e pela primeira vez em muitas primaveras, choveu no vale Cheyenne...

Nuvem-Vermelha olhou para os cinco guerreiros Cheyennes, os últimos de sua tribo. Um Maldito, os espíritos monstruosos que servem ao Wyrn, estava por trás do massacre dos homens-brancos.Só havia uma única coisa a fazer. Vingança.

\_\_Os seus cavalos estão descansados?\_\_perguntou Nuvem-Vermelha, o ódio pontuando cada palavra que saía de sua boca.

\_\_Sim...\_\_respondeu Trovão-Raivoso.

\_\_Então vamos. Mostrem-me onde fica esse tal de Forte Bowie.

Então cinco guerreiros e um enorme lobo-vermelho saíram do Vale Cheyenne, deixando a paisagem infernal para trás e abraçando à noite, onde brilhava a lua vermelha da vingança.

\*\*\*

Do alto da colina eles podiam ver o Forte Bowie. Era uma grande construção, que ficava às margens do Rio Colorado, uma maneira fácil de se conseguir uma provisão de água constante no meio da desolada paisagem. Havia alguns “casacos-azuis” fazendo guarda na entrada do Forte, mas os outros estavam reunidos em alguns grupos no interior das enormes muralhas. Nuvem-Vermelha podia ver alguns Sioux e uns poucos “casacos-cinza” dentro do forte.

O Forte era enorme e quadrado, com várias casas construídas em seu interior. Nas laterais erguiam-se quatro construções circulares, com dois “casacos-azuis” de sentinelas em cima. Os homens-brancos se isolavam da paisagem do Grande Espírito com muros. As tribos das Terras-Puras nunca construíam muros eram sinais de ingratidão com a terra. Muros eram sinais do Wym, o mal que estava lentamente consumindo o Grande-Espírito.

Mas eles tinham errado em construir tão perto do rio.

Concentrando-se, Nuvem-Vermelha mudou para sua visão espiritual. O que ele viu na Umbra não o surpreendeu, havia uma aura vermelho-negra contornando todo o forte, uma energia cheia de tentáculos que se estendiam da base dos enormes muros em direção à planície.

Porém os tentáculos pareciam não conseguir espalhar muito além de alguns metros do forte. O Grande-Espírito estava lutando contra a corrupção que emanava dos “homens-brancos”. Uma forte energia azul irradiava do Rio que passava ao leste do forte, mas os tentáculos negro-avermelhados impediam que as energias purificadoras invadissem o refúgio dos “casacos-azuis”. Nuvem-vermelha tinha certeza, tamanha energia de corrupção só podia estar existindo por um único motivo.

O forte era o lar de um Maldito, os lacaios da Wym, as personificações da corrupção.

Porém ele não estava presente no momento, Nuvem-Vermelha não podia sentir o fedor característico de um Maldito, nem sua presença. Ele se virou para os guerreiros cheyennes, que aguardavam ansiosamente as suas ordens:

\_\_Trovão-Raivoso, não posso fazer nada de fora do forte. Ele está protegido por uma magia poderosa, uma magia antiga que evitará qualquer ataque do Grande Espírito e certamente alertará o Maldito que a conjurou. Como sou marcado como um homem-lobo, eu não conseguirei entrar sem que a proteção seja quebrada. Se vamos nos vingar, eu preciso que vocês entrem lá e quebrem o fetiche que sustenta o feitiço. Eu posso sentir onde ele está...

Trovão-Raivoso olhou para os seus companheiros e sorriu, dizendo:

\_\_Considere feito, irmão. O que devemos procurar?

\_\_Uma pele de lobo, que deve estar naquela construção ali, o local onde os “homens-brancos” se reúnem para cultuar o seu deus. \_\_disse Nuvem-Vermelha, apontando para uma pequena construção situada na parte sul do forte, que se diferenciava das demais por ter uma espécie de cruz de madeira no alto de seu telhado triangular.\_\_ Vocês têm que queimar o fetiche. Depois saiam, que eu terminarei a vingança...Mas antes, deixe-me compartilhar os seus olhos, Trovão-Raivoso, para que eu possa ver as suas ações.

Nuvem-Vermelha colocou sua mão no rosto do seu irmão e murmurou as palavras secretas que lhe foram passadas pelo espírito de Seskchetawan, a Águia-que-tudo-vê. Sua mão brilhou com uma luz azul-prateada e em seu Olho da Mente, Nuvem-Vermelha pode via a si mesmo, do ponto de vista de Trovão-Raivoso.

\_\_Agora vão!

Com um aceno de cabeça, Trovão-Furioso partiu com os demais guerreiros, sumindo por entre os arbustos que circundavam o forte. Nuvem-vermelha se transformou em um enorme lobo e desceu a colina, indo em direção ao Rio. Eles precisariam de toda ajuda possível, pensou Nuvem-Vermelha. Ele tinha certeza que o Grande-Espírito participaria com toda sua fúria da vingança que se desenhava para os “homens-brancos”.

\*\*\*

Com o Olho-da-Mente, Nuvem-Vermelha acompanhava os passos de Trovão-Raivoso. Os “casacos-azuis” não eram páreos para os guerreiros cheyenne, eles não sentiam a noite. Rapidamente, os guerreiros abateram os dois vigias na torre leste do forte, arremessando sua machadinhas com precisão.

Os vigias caíram quase sem fazer barulho. Com a agilidade de um puma, os guerreiros escalaram rapidamente os muros da torre, usando as Presas da Lua para se apoiarem nas paredes feitas com a madeira arrancada das Terras Puras. Com a agilidade característica dos Cheyenne, os quatro guerreiros entraram no forte, se escondendo por entre as sombras das casas que ladeavam os quatro cantos do enorme muro. Eles escalaram até os telhados, e pulando-os, chegaram até a casa onde os homens-brancos cultuavam o seu deus.

Enquanto isso, Nuvem-Vermelha chegou até a beira do rio. Escondido dos olhares

dos sentinelas pela densa vegetação da margem, Nuvem-Vermelha retornou à sua forma humana.

Ele tirou o Fetiche dos Espíritos, um pequeno chocalho adornado com penas, onde o corpo de uma cobra empalhada se enrosca no cabo em torno da pata empalhada de um puma, pintada com as marcas sagradas dos Uktena. Nuvem-Vermelha começou a entoar um antigo cântico sagrado marcando o ritmo com o chocalho e quando sentiu que as portas do mundo espiritual estavam se abrindo, fez a invocação:

\_\_Ó Grande Espírito das Águas! Ó Grande Uktena, a Cobra-Puma, escutem-me! Envie um dos seus filhos para purificar a Terra do Grande Mal! Por ti Uktena, eu invoco U`tlun'ta, a Serpente do Rio!

Um brilho azulado começou a surgir no centro do rio, logo à frente de Nuvem-Vermelha, e um redemoinho se formou no local da luz. Nesse momento, pelo Olho da Mente, Nuvem-Vermelha podia ver Trovão-Raivoso pegando o fetiche da Pele de Lobo que estava sob o altar dos homens-brancos.

O redemoinho do centro do rio foi aumentando de velocidade, à medida que a luz azulada ia ficando mais brilhante. Do centro do redemoinho, uma gigantesca cabeça de serpente foi surgindo, uma serpente feita de água. Era enorme, e à medida que ia saindo do rio, seu tamanho aumentava cada vez mais. A gigantesca serpente de água, depois de atingir cerca de trinta metros de altura, se dobrou e aproximou sua gigantesca cabeça de Nuvem-Vermelha, que disse:

\_\_Aguarde o meu comando, U`tlun'ta, e destrua a casa dos homens-brancos!

A gigantesca serpente de água abriu a boca em um sorriso. Ela era o espírito do rio e certamente estava ansiosa para punir os seres que estavam sujando o seu leito. Porém a proteção dada pelo fetiche do Maldito impedia que U`tlun'ta destruísse o forte.

Nuvem-Vermelha olhou para o forte através da Umbra e viu que os tentáculos negros desapareceram! Concentrou-se no Olho da mente e viu que Trovão-Raivoso havia queimado o fetiche. Porém, os “casacos-azuis” haviam descoberto os quatro guerreiros, e estavam entrando no templo onde estava o fetiche.

Transformando-se na sua enorme forma de homem-lobo, Nuvem-Vermelha subiu no pescoço de U`tlun'ta. Apesar da gigantesca serpente ser feita de água, a pele transparente era dura e escamosa. Cavalgando U`tlun'ta, ele gritou:

\_\_AGORA!

U`tlun'ta atacou com violência os muros laterais do forte, levando consigo grande parte da água do rio. O impacto teve a violência de uma explosão, e os massivos muros se espatifaram em mil pedaços. Os “casacos azuis” corriam em direção a U`tlun'ta, mas tentáculos de água saíam de seu corpo e envolviam os soldados em torres largas de água, onde eles morriam afogados quase que instantaneamente, pois a Serpente forçava a água



para dentro de seus pulmões.

Nuvem-Vermelha uivou em sua forma de homem-lobo e pulou em um salto gigantesco do alto da cabeça de U`tlun'ta em direção à entrada do templo dos homens-brancos. Lá, seis “casacos azuis” ainda mantinham Trovão-Raivoso e os outros quatro cheyennes sob a mira dos “canos-de-trovão”. Nuvem-Vermelha aterrissou em cima de um dos casacos azuis, praticamente partindo-o em dois com suas poderosas garras de homem-lobo. Um segundo se virou para atirar em Nuvem-Vermelha, mas o guerreiro Uktena segurou seu “cano-de-trovão” e o destruiu com uma única mão. Com a outra, Nuvem-Vermelha atravessou o corpo do “casaco-azul” até que suas garras apareceram pelas costas do soldado morto. Os demais cheyennes atacaram e derrotaram facilmente os outros “casacos azuis” que ainda estavam aterrorizados com a forma monstruosa de Nuvem-Vermelha.

Na área central do forte, U`tlun'ta continuava o massacre dos homens-brancos, matando dezenas com seus enormes tentáculos de água, enquanto o seu massivo corpo ia destruindo as casas que circundavam a área central. Muitos atiravam em vão no corpo de U`tlun'ta, outros tentavam fugir, mas os tentáculos da Serpente de Água os alcançava antes que pudessem sair do forte.

Nuvem-Vermelha se virou para Trovão-Raivoso e disse:

\_\_Vamos! Não podemos deixar U`tlun'ta ter todo o divertimento!

\_\_Realmente não podemos...\_\_ respondeu Trovão-Raivoso, se aproximando de Nuvem-Vermelha.

Então, com uma velocidade impressionante, Trovão-Raivoso tirou o Fetiche dos Espíritos da cintura de Nuvem-Vermelha.

\_\_O que você está fazendo?\_\_ disse Nuvem-Vermelha, surpreso.

Sem responder Trovão-Raivoso quebrou o Fetiche dos Espíritos em sua mão. Uma explosão e um brilho fortíssimo, vindo do fetiche quebrado, quase cegou Nuvem-Vermelha. Imediatamente, U`tlun'ta caiu, o seu corpo todo transformado em água e o espírito que o animava longe do plano material.

Nuvem-Vermelha foi se afastando de Trovão-Raivoso. O chão do forte estava molhado e cheio de corpos de “casacos-azuis” mortos por U`tlun'ta. Os sobreviventes se aproximavam de Nuvem-Vermelha, empunhando os “canos-de-trovão” e cercando o homem-lobo. Trovão-Raivoso gargalhava, junto com os demais cheyennes.

\_\_Você é muito ingênuo, Uktena, mas fique feliz. O Wyrn recompensa a ingenuidade com uma morte rápida. Eu te trouxe até aqui sem que você percebesse o que estava acontecendo. Sabe os tambores espirituais que você escutou? Eu forcei o verdadeiro Trovão-Raivoso a usar para te chamar. E você veio, Uktena, como todos os outros estão indo para salvar suas preciosas tribos de origem.

Uma gigantesca pata de aranha explodiu do peito de Trovão-Raivoso e se estendeu

em direção ao chão. O corpo do cheyenne começou a inchar, e outras pernas de aranha negras e horrendas se projetavam para fora. Elas se apoiavam no chão e iam suspendendo o corpo de Trovão-Raivoso. Nuvem-Vermelha se afastava, não acreditando no que estava vendo.

\_\_Você foi muito fácil de hipnotizar, Uktena! Bastou o ódio que surgiu em você ao ver os restos do banquete de almas que fiz com sua tribo de origem. Bastou isso para que eu pudesse implantar um pequeno feitiço em sua mente. O feitiço te cegou para a minha presença e a presença dos meus servos, enganando o seu sentido espiritual. O Wyrm só afeta quem carrega um pouco da sua fúria dentro, e foi o seu ódio que permitiu isso, Uktena. Agora eu tenho um homem-lobo em meu covil e finalmente vou poder saber ONDE FICA A SUA CAERN!

O Maldito se manifestou completamente, explodindo os restos do corpo de Trovão-Raivoso. Tinha uma forma que lembrava uma gigantesca aranha, porém o rosto era parecido de um lagarto do deserto, cheio de escamas e espinhos enormes. Dois olhos vermelhos o fitavam de uma altura de dez metros e o gigantesco corpo aracnídeo do monstro ostentava um gigantesco abdômen, que estava muito dilatado. De dentro do abdômen, Nuvem-Vermelha podia discernir centenas de luzes brancas vibrando e girando como vaga-lumes. O ódio o tirou do torpor em que estava; aquelas eram almas ainda não digeridas. Eram as almas dos Cheyennes.

Nuvem-Vermelha pulou em direção ao Maldito, mas no mesmo momento, um dos Cheyennes pulou em sua direção. Nuvem-Vermelha viu o Cheyenne se transformar em um enorme arremedo de homem-lobo, porém com um rosto e orelhas parecidos com o de um morcego. Era um Dançarino da Espiral Negra, a amaldiçoada tribo de homens-lobo que se aliara ao Wyrm!

Os dois se encontraram em pleno ar e entraram em um combate ferrenho. O Dançarino mordeu o pescoço de Nuvem-Negra, que girou no ar e caiu no chão, desferindo dezenas que golpes no tórax do inimigo. Nuvem-Negra segurou as mandíbulas do Dançarino e com um urro, abriu as mandíbulas, quebrando o crânio do Dançarino. O monstro caiu aos seus pés, porém os outros cheyennes também se transformaram em Dançarinos e pularam em cima de Nuvem-Negra, o imobilizando no chão.

O Maldito se aproximou e disse:

\_\_E agora, Uktena, como vou fazer você me contar onde fica a sua Caern? Um pouco de dor ajudaria, não?

\_\_Você me enganou...queimou o Fetiche da Pele do Lobo para que eu entrasse em seu covil...

\_\_Sim, queimei, Uktena...Tive que matar milhares de tribos para fazer um feitiço tão potente, porém, foi um sacrifício em nome de uma boa causa, as deliciosas almas dos homens-lobos, esperando para serem devoradas...Mas você me deu uma idéia, Uktena! Meus Dançarinos tragam fogo! Queimarei você aos poucos, até que você me diga ONDE

FICA O SEU CAERN!

Um dos Dançarinos pegou uma tocha de um dos “casacos azuis” e a aproximou da cabeça do Nuvem-Vermelha. O Maldito continuou:

\_\_Queime primeiro um dos olhos... Quero saborear esse momento, vagorosamente...

O Dançarino aproximou a chama para perto do olho esquerdo de Nuvem-Vermelha, que tentava em vão se libertar dos outros Dançarinos que o mantinham preso no chão. A chama foi se aproximando, queimando o pelo vermelho da face do Uktena e se aproximando de seu olho.

\_\_ ATSILA, A DAMA DO FOGO, EU TE INVOCO!\_\_ gritou Nuvem-Vermelha repentinamente.

A chama da tocha aumentou imediatamente, e uma bela mulher de fogo surgiu em meio às chamas. O Dançarino soltou a tocha, porém antes que ela caísse no chão, a mulher de fogo pulou em direção ao Maldito, atingindo-o no centro do seu inchado abdômen. Ali ela ficou por um segundo e depois partiu do plano Material com uma grande explosão. Atônitos, os Dançarinos que seguravam Nuvem-Vermelha relaxaram a força com que o prendiam no chão. Nuvem-Vermelha levantou-se com violência, jogando-os para longe. O Maldito se debatia com o abdômen completamente destruído.

Nuvem-Vermelha invocou mentalmente Unole, o espírito do vento, e imediatamente levantou vôo. Mas não subiu muito. O Maldito havia agarrado uma de suas pernas usando uma teia que saia do meio de seus olhos.

\_\_Você não irá fugir, Uktena...

Nuvem-Vermelha olhou para baixo e disse:

\_\_Você cometeu dois erros fatais, Maldito. O primeiro foi destruir o fetiche, permitindo que minha magia funcionasse dentro desse terreno amaldiçoado. O segundo foi ter devorado os Cheyennes, a tribo mais guerreira das Terras Puras! ELE É DE VOCÊS MEUS IRMÃOS!

\_\_O que... \_\_ murmurou o Maldito, na mesma hora em que centenas de almas branca-azuladas saíam do seu abdômen aberto e começavam a atacar o seu corpo. Eram corpos de luz que tomavam a forma que tinham em vida; jovens guerreiros cheyennes, velhos, crianças, todos se agarravam ao corpo do Maldito e começavam a arrancar pedaços de sua carne. O monstro urrava de dor e os seus lacaios fugiam do lugar. Nuvem-Vermelha, se libertando da teia, disse:

\_\_Você não podia esperar digerir as almas, tinha que devorar mais e mais... Agora elas terão o que eu tinha prometido, vingança!

E o Uktena voou para longe daquele lugar profano, deixando as almas dos cheyennes destroçando o Maldito. E as lágrimas que caíam dos olhos do homem-lobo somaram-se às estrelas daquela trágica noite.

FIM

## LUZ NO CAMINHO

Iluminação, Consciência Cósmica, Nirvana.

Graças aos Céus, não precisamos mais escalar Himalaias para isso.

Os novos iluminados irão surgir nas casas comuns da nossa sociedade viciada em informação . Eu sei, eu sou a prova viva disso.

Sou um Iluminado.

É certo que jamais pensara em mim como um homem perfeito, principalmente depois de ter ficado desempregado.

Mas foi a perda do emprego que me mostrou o Caminho. Ficava em casa todos os dias, (sozinho, pois Vivian trabalhava fora), e assistia televisão. O meu Mestre.

De início, leigo no Caminho, selecionava os programas que queria assistir. Nunca tinha ligado para isso, tinha apenas alguns mirrados canais, que não satisfaziam minhas necessidades de ócio.

Mas sem ninguém para conversar, com Vivian fora, comecei a passar dias inteiros assistindo programas dos mais variados, diretos, sem pensar no que estava vendo.

Depois de semanas assim, algo de estranho começou à acontecer; uma paz imensa, uma beatitude, surgia em minha mente em certos momentos que assistia a TV sem pensar em nada. Era uma sensação de totalidade, uma sensação de felicidade espiritual.

Chamei-a de Nulidade. Era tão fugaz e sua sensação tão fenomenal, que tratei de empenhar-me em compreendê-la.

É claro que Vivian não entendeu. Como ela podia ver que eu não queria mais trabalhar, que iria buscar a Nulidade Completa, que sentado em frente à minha televisão estava empreendendo uma busca espiritual?

Como ela podia entender porque vendi meu carro para comprar uma TV High Resolution Panasonic Wide-Screen, com som estéreo-surround, ligada à Direct TV VIP com mais de 200 canais à minha disposição?

Ela me abandonou depois de alguns meses e muitos quilos. Disse-me que eu já não saía mais da sala da televisão, que estava ficando muito gordo, que só queria saber de comer e assistir tudo que viesse na tela.

Não reclamei.

Na noite em que ela se fora , uma nóva minissérie estava estreando em meu canal favorito. Tinha pedido para ela sair no intervalo comercial (que com sacrifício não iria ver),

mas ela nem ligou.

Fiquei triste mas feliz, agora podia percorrer o Caminho com mais tranquilidade. Vocês acham que Jesus iria para o deserto se tivesse uma mulher?

E Sidarta? E Moisés? O caminho dos Iluminados é um caminho solitário...

Ela me largara e a casa virou um campo de caça para as baratas. Não arrumo, não quero arrumar, não tenho tempo de arrumar. Cada minuto longe da Tela é um minuto longe da Nulidade, é um martírio.

Paguei um garoto para comprar minhas comidas e minhas cervejas.

Ele jogava dentro da casa por um tubo que criei ligando a rua com a geladeira.

O telefone ficava sempre ao meu alcance, do lado do braço esquerdo da poltrona. Usava sempre a mesma roupa, um training enorme e uma camiseta adidas mais enorme ainda. Podia engordar cada vez mais.

Não saía mais na rua, sentia que o contato com o mundo me afastava mais da Nulidade. Meu mundo existia no mudar dos canais, entre as milhares novelas, programas de audiórios, filmes, reportagens, videoclips, desenhos animados, propagandas, séries de tv e tudo mais que a Nulidade mostrava aos meus olhos. Eu assistia vendo a verdade por trás dos pixels, escutando a harmonia das esferas no tubo de raios, o pulsar dos elétrons sendo bombardeados no meu rosto gordo.

E cada dia, cada hora que passava em frente à Tela, sentia meus sentidos se transformando. Me considerava um monge, um hermitão em retiro, contemplando... Sentia a Nulidade Completa se aproximando, minha TV um Mestre paciente e constante.

Meu corpo tinha inchava, estava muito gordo, desmasiadamente gordo, mas não importava. Era o preço do Caminho que escolhera. Não precisava mais dele, tinha meus olhos, tinham meus dedos para trocar os canais. Podia ser todos aqueles coloridos e elétricos personagens de luz da tela.

Heróis, bandidos, moças, estrelas de rock, repórteres, me projetava em todos eles, era parte do prazer da Nulidade.

Até que um dia, sentado em minha poltrona, senti minha bexiga cheia. Era mais um dos raros momentos em que eu me levantava. Aproveitava também para ir na geladeira e pegar mais comida.

Tentei levantar-me quando uma náusea enorme me atingiu e cai no chão de quatro, minha enorme barriga encostando no carpete sujo de restos de comida. Desde que Vivian foi embora, não arrumava mais a casa. Não tinha tempo.

A náusea era muito forte e senti minha bexiga ameaçando se abrir em plena sala.

“Droga”, pensei enquanto procurava me arrastar até o banheiro.

No primeiro movimento, senti meu ânus se contrair e senti meu intestino cheio. Meus braços, enfraquecidos com o esforço de sustentar meu peso de quatro, ameaçavam colapsar no chão.

Mumurei um \_\_ Ah meu Deus...\_\_ quando minha bexiga não aguentou e se soltou, molhando completamente o training que eu usava diariamente.

Meus braços cederam e eu caí no chão, meu peito gordo assimilando o impacto da queda, que foi suficiente para meu ânus ceder.

Uma explosão de merda e mijo inundava minhas pernas e senti-me completamente enfraquecido. Acho que devo ter desmaiado por algum tempo.

Acordei ainda no chão, a televisão ligada no que parecia ser um programa de calouros francês. Fiquei deitado por alguns minutos, entretido pela breve Nulidade que sentia, até que o comercial me trouxe o problema imediato: como voltar para minha poltrona.

Levantei um dos meus braços gordos, as camadas de gordura vibrando à cada movimento. A náusea ainda persistia, e estava mais forte.

Segurei o braço da poltrona com toda a força que ainda restava em meu corpo, e consegui içar-me de volta, sentindo minhas pernas escorrerem com a imundície que tinha causado à mim mesmo.

No momento em que sentei na poltrona, a náusea passou. Sentia-me melhor. Do meu lado, o controle remoto me esperava. Com ele estava bem, depois pensaria em como lavar-me. Mas agora tinha que retornar à Nulidade, milhares de programas aguardavam minha contemplação. O desconforto de meu corpo dificultava silenciar minha mente.

Depois de muitas horas, vendo o Frugal’ Gourmet, lembrei-me que tinha que me alimentar. Tentei novamente levantar, mas a náusea retornara mais forte ainda. “Vou morrer de fome aqui...”, pensava, enquanto mudava rapidamente de canais.

Assistia mais e mais, absorvendo a dança das luzes, os movimentos, os programas, os canais. Acabei esquecendo a fome.

Às duas horas da manhã, assistindo um programa de reportagem sobre travestis, adormeci. Quando acordei, já era de tarde, a TV ligada com um comentarista esportivo falando sobre o último campeonato.

Sentia fome novamente. Apoiei meus braços na poltrona e comecei a me levantar. Estava quase de pé quando minhas pernas cederam. Realmente.

Elas partiram como dois enormes queijos, caindo para frente e fazendo com que eu

aterrizasse na poltrona. Não sentia dor. Parecia que estava em um daqueles filmes B de terror que passam no Sci-Fi channel.

Achei estranho ver minha carne se abrindo e se quebrando assim, um pouco de sangue e pus molhando meu training. Com minhas mãos, rasguei o training na altura das coxas e vi minha carne gorda e brilhante, com um brilho azul saindo das extremidades.

Por curiosidade, assim como quando nós cutucamos uma espinha que acabara de estourar, encostei o dedo na carne aberta.

Senti apenas tato, não dor. Estava mais confuso do que aterrorizado. Não entendia o que estava acontecendo.

Parecia um caso hiperbólico de lepra. Comecei a ficar confuso e a sentir medo. Mas as imagens dançavam na minha frente, e meu controle remoto ainda estava em minha mão, e isso me acalmava.

Mais um pouco e a Nulidade me tinha novamente, mais intensa e longa do que antes.

Sentia fome e a impossibilidade de ir à geladeira fazia-a aumentar.

E foi aumentando tanto que acabou por sumir, submersa na Nulidade.

Assistia, assistia e assistia, minha mente agora mais concentrada do que nunca nos canais, mergulhando em um silêncio completo. Meus olhos começaram a parar de piscar, ficavam totalmente abertos.

A Nulidade se abrindo em novas e mais profundas camadas de inércia mental.

Com o tempo, meus braços começaram a sofrer mutações. O braço que eu segurava o controle encolhera e apodrecera, meus dedos se unindo deixando apenas o polegar para tocar nos botões.

O outro braço acabara por cair de meu corpo, que inchava e se misturava na poltrona.

Da minha enorme e gelatinosa barriga começou a sair um tentáculo, que logo depois percebi ser o meu intestino, transformado. Saiu da minha barriga e desceu pelo meu corpo, com uma pequena garra se formando na sua extremidade. No chão, foi se arrastando em direção à cozinha, em busca de comida.

E cerveja, é claro.

A comida me deu novas forças e continuei com minhas práticas contemplativas.

Conseguia ficar completamente imóvel por dias, apenas as funções corporais



funcionando, o meu longo intestino alimentando e defecando independente de meu organismo. Minha respiração se tornara mínima, minha contemplação dos programas de televisão quase perfeita. A mão do controle era a única parte do meu corpo que se mexia. Mas a Nulidade Completa já não me satisfazia mais.

Comecei a mudar de canais cada vez mais rápido, pegando partes cada vez menores de todos os programas. Cada vez mais rápido, mais rápido. Até que conseguia ver todos os programas ao mesmo tempo, mudando os canais à uma velocidade impossível.

Em meio à esse êxtase televisonário, senti um líquido descendo por meu nariz.

Pelo reflexo na tela percebi que era o meu cérebro, que estava se derretendo e escorrendo de meu crânio.

Ao mesmo tempo, em meio ao frenesi de imagens, percebi que o que mais se repetia era a estática, o “fora do ar”.

Meu obeso e irreconhecível corpo foi tomado por várias convulsões frente a revelação: OS CANAIS VIERAM DA ESTÁTICA E É PARA A ESTÁTICA QUE RETORNARÃO... Tinha que dar o próximo passo no Caminho... Tinha que me tornar Estática...

E com um leve toque no botão OFF do meu controle, desliguei-me junto com minha televisão, e me tornei o TELE BUDA ESTÁTICO. Nirvanazzzshhhssshhhhhzzz!!....

OM MANI PADME HUM!

FIM

## UM SAMURAI EM NECROPIA. – UM CONTO DA TERRA DOS MORTOS

A arena de Necrobol estava lotada. Katsuchiyo olhava para aquela paisagem de pesadelo. Mesmo estando meses em Necropia, o samurai de Kriptus ainda não se acostumara com a cena horrenda de milhares de mortos-vivos reunidos para as sangrentas partidas de Necrobol. Ele estava em pé, junto com outros vivos que faziam parte da barreira do time dos Degoladores Vermelhos, a última linha de defesa para evitar que o time adversário marcasse o gol. Era um grupo de dez mortais, ou Shems como são chamados os vivos em Necropia. Todos eles guerreiros capturados de outros lugares e até mesmo de outros mundos, para, assim como Katsuchiyo, servir de diversão para a elite dominante da Terra dos Mortos, os Nors.

O local era gigantesco, maior do que qualquer construção que vira em Kiosho, a região onde crescera. Enormes colunas negras e acinzentadas erguiam-se do chão sujo de terra e sangue, elevando-se por mais de sessenta metros até terminarem em pontas afiadíssimas, como se toda a arena estivesse dentro da caixa torácica de um gigantesco monstro. As colunas eram ornadas com milhares de esqueletos, contorcidos em poses que denotavam mortes violentas. Isso refletia a predileção dos Nors por tudo que os recordassem a morte; e esqueletos, espinhas dorsais, ossos e principalmente crânios estavam presentes em todos os lugares da Necrópole de Yzael.

Entre as colunas, muros enormes feito de placas de metal escuro e repletos de espinhos de ferro sustentavam as arquibancadas de pedra, onde milhares de mortos-vivos se aglomeravam. Mas os mortos vivos que gritavam histericamente para os participantes do Necrobol não eram os que Katsuchiyo tinha conhecido em seu mundo. Em Necropia, os mortos-vivos apareciam nas mais variadas formas, e em sua maioria, eram extremamente inteligentes. Além disso, consideravam sua condição de não-vida muito superior à dos mortais. Katsuchiyo já havia aprendido a diferenciar os Servos-Carniçais, que se pareciam muito com os zumbis de sua terra, dos Nors, a elite dominante de Necropia. Com olhos negros, pupilas brancas, e com peles completamente pálidas, os Nors tinham uma beleza mórbida, e mantinham sua eterna juventude através da energia negra que vinha de Ktonor, o buraco negro que tomava grande parte do céu de Necropia.

Na parte central, uma construção feita de ouro e metal se destacava das demais. Era a Tribuna Real, onde estavam o Imperador dos Mortos, Lorde Thaumiel, juntamente com a família real, seus Ministros e os Magistratos, os Juizes das partidas de Necrobol. Lorde Thaumiel, uma figura imponente com suas enormes asas feitas de metal de pele humana, e com o rosto coberto por uma máscara metálica assustadora, observava atentamente a partida. O Imperador tinha a decisão final sobre os eventos da partida, bastava apenas um gesto para que ele decidisse sobre quem viveria ou quem morreria dentro os jogadores. Tudo em nome ao entretenimento de seu povo não-vivo.

Katsuchiyo olhou para o céu e viu o gigantesco buraco negro em seu girar de morte. Shemesh, o sol de Necropia, estava ao seu lado. Como na primeira vez que ele viu os céus de Necropia, Katsuchiyo sentiu uma profunda tristeza ao ver que o buraco negro sugava Shemesh à medida que girava. Esse era mesmo um mundo amaldiçoado pelos seus deuses, um mundo entregue à morte. “Um mundo perfeito para uma vingança”, pensou Katsuchiyo.

O samurai olhou para os lados. Os seus companheiros estavam nervosos, apesar de muitos deles terem sobrevivido à outras partidas de Necrobol, essa era uma final contra o mais perigoso dos times de Zohar, os Mutiladores de Messalina.

Apenas os melhores guerreiros vivos conseguiam sobreviver em uma partida de Necrobol. O esporte, o mais popular entretenimento de Necropia, tinha um altíssimo grau de violência, adaptado aos Nors e Servos-Carniçais que participavam dos times, mas que resultava em morte certa aos vivos que faziam parte das “barreiras”. Os vivos não tinham a capacidade de agüentar mutilações, freqüentes nas partidas de Necrobol, e muitos morriam nos ataques dos times dos não-vivos. Ali mesmo, ao lado de Katsuchiyo, apenas dois guerreiros haviam sobrevivido desde que ele começara a participar dos jogos.

Os outros dois eram novatos, e apesar de parecerem durões, Katsuchiyo podia ver que suas pernas tremiam levemente ante a antecipação do ataque dos Mutiladores de Messalina. Os barulhos que vinham do Labirinto, uma construção enorme que cobria parte do centro da arena, indicavam que Verótika e seus guerreiros tinham perdido a Bola de Espinhos para os Mutiladores.

Em breve, os Mutiladores iriam sair da construção e tentar passar por eles para marcarem o gol. Em breve, Katsuchiyo teria a sua vingança. Olhando para a espada bastarda que estava em sua mão, feita de um material vagabundo destinado para os jogadores vivos e muito diferente das obras primas de destruição que eram usadas pelos jogadores Nors, Katsuchiyo viu as runas de ativação colocadas por Verótika.

Katsuchiyo teria a sua vingança, e finalmente poderia se reencontrar com o seu amor. À medida que o ato final de sua busca de conflagrava, lembranças dançavam em sua mente, como as brasas de um fogueira que se apaga ao aproximar de uma tempestade;

\* \* \*

Após a derrota do Dragão-Shogun Makura Kiosho depois da Guerra dos Mil Dias, Katsuchiyo fora proibido de cometer o seppuku (suicídio ritual) pelo Shogun Tengu, o vencedor da contenda. O novo Shogun, interessado em estabelecer a sua autoridade e inibir revoltas no principado de Kiosho, em Kritpus, condenou Katsuchiyo à um destino muito pior do que a morte para um samurai: passar o resto de sua vida como um camponês.

Katsuchiyo, que tinha sido educado no caminho samurai pelo próprio Dragão Makura Kiosho, implorou para morrer com honra. Porém o Shogun Tengu estava irredutível. Katsuchiyo foi exilado para a vila camponesa de Shimei e condenado a nunca mais encostar em uma espada. Além dessa punição, Katsuchiyo recebeu a alcunha de “Uragimono” ou “traidor”. E para que todos que o encontrassem soubessem de sua condição, o Shogun Tengu ordenou que a palavra “Uragimono” fosse tatuada em sua frente.

Para um homem que crescera durante Guerra dos Mil Dias e que matara seu primeiro inimigo aos doze anos, os primeiros meses na pacífica vila foram intoleráveis. A

tatuagem de uraginimono o transformou no motivo de escárnio dos moradores da vila, que, além do ressentimento pela derrota dos antigos samurais do Dragão Makura Kiosho, recebiam incentivos dos soldados do Shogun Tengu para infernizar sua vida. Crianças cuspiam quando ele passava, velhas atiravam tomates podres em seu rosto, e os camponeses dificultavam como podiam o seu trabalho forçado nos campos de arroz de Shimei.

Mas, tempos depois, o destino finalmente sorriu para Katsuchiyo, impulsionado pela única força capaz de desafiá-lo: o coração. Katsuchiyo se apaixonou. Seu nome era Kohana, a filha de um falecido samurai da Guerra dos Mil Dias.

Vivendo sozinha em sua casa, pois sua mãe se suicidara ao saber da morte de seu pai, Kohana também compartilhava da mesma sina de Katsuchiyo, era odiada e perseguida pelos habitantes da vila; que acreditavam que ela era uma prostituta. Juntos, as tristezas e humilhações de suas vidas desapareceram.

Eram felizes, não importando com o que seus trágicos destinos exigiam de seus corações. Decidiram morar juntos, como marido e mulher, mesmo que nenhum monge viesse para abençoar sua união.

E quando Kohana lhe disse que estava esperando um bebê, pela primeira vez desde a morte de seu mestre, Katsuchiyo conheceu a esperança.

\* \* \*

O Labirinto era uma das partes mais importantes de uma partida de Necrobol. Era uma construção que erguida em sigilo pelos Mestres das Masmorras na semana anterior à uma partida de Necrobol. Nela, eram colocadas armadilhas, monstros, magias, e tudo que possa atrasar, ou até mesmo destruir, os times de Necrobol.

As regras eram simples, cada time tinha que ir até o centro do Labirinto para pegar a Bola de Espinhos, que era uma esfera metálica de um metro e meio de diâmetro e pesando mais de oitenta quilos. Quatro alças metálicas eram distribuídas por sua superfície e eram usadas pelos jogadores para carregar e passar a Bola de Espinhos.

O problema para os vivos que eram bons o bastante para participar dos times de Atacantes era que a Bola de Espinhos tinha um mecanismo de tempo: logo após ela ter sido tirada do centro do Labirinto, em menos de dois minutos saíam de sua superfície esporões de ferro de dois metros comprimento. Os “espinhos” empalavam completamente o jogador que estava carregando a Bola de Espinhos.

No caso dos jogadores Nors ou Carniçais, o dano não era suficiente para destruí-los e muitas vezes após a bola ser retirada e recolocada no centro do Labirinto, o jogador não-vivo retornava para a partida. Mas nos casos dos jogadores vivos, os espinhos eram implacáveis: matavam instantaneamente.

O jogo acabava com um único gol, por isso, a tarefa da “Barreira” era muito

importante. Pelas regras do Necrobol, as barreiras eram compostas apenas por vivos. Os mortos de Necropia se deliciavam nas carnificinas promovidas pelos Atacantes em seu avanço para liberar espaço para o Carregador, um jogador especializado em levar a bola.

Após a “Barreira”, ainda havia o Goleiro, que fazia uma última tentativa para bloquear o ataque adversário. O Goleiro era sempre escolhido entre os maiores e mais monstruosos candidatos à jogadores, porém pelas regras, ele nunca poderia ajudar os vivos da Barreira: Katsuchiyo e seus companheiros estavam sós.

O time adversário começava a sair do Labirinto. Eram apenas um Atacante e um Carregador. Katsuchiyo sorriu, Verótika tinha cumprido sua parte na promessa. A sensual atacante dos Degoladores Vermelhos devia ter destruído os outros dois atacantes dentro do Labirinto, deixando apenas dois dos Mutiladores de Messalina saírem em direção ao gol. E um deles era o Nor que Katsuchiyo queria destruir.

\_\_Hora de matar...\_\_ murmurou Katsuchiyo, enquanto encostava nas runas mágicas na ordem em que Verótika tinha lhe ensinado. A velha e gasta espada bastarda vibrava à medida que um brilho púrpura-esverdeado aparecia em toda a sua superfície.

Bolhas de carne negra começaram a surgir na espada, e ela começou a mudar de forma, aumentando de tamanho. A hora da vingança chegara, a hora de recuperar a sua honra perdida. O ódio negro que inundava sua mente trazia as imagens horrendas do dia em que ele perdera toda vontade de viver.

O dia em que vira a face do Nor que estava avançando em direção a ele pela primeira vez.

O dia em que conhecera Caronte, o Arauto Negro.

\* \* \*

Katsuchiyo estava voltando dos campos de arroz. Já era noite, e ele estava faminto. Kohana tinha ficado em casa, pois sua gravidez a impedia de ajuda-lo nos campos de arroz da vila.

A criança já estava por nascer, e Katsuchiyo exigiu que sua esposa ficasse deitada, como as velhas parteiras ordenavam. Pensando em seu filho, o ex-samurai nem percebeu a estranha caravana que estava parada na rua principal da vila, com várias jaulas enormes cobertas com placas de couro.

Porém, quando ele chegou em sua casa, Katsuchiyo notou algo de estranho. Vários cavalos com as cores imperiais estavam parados na frente da sua casa, inclusive com um enorme cavalo negro todo coberto com uma armadura de metal escuro.

Dentro da sua casa, ele podia ver que estavam vários soldados do Shogun, aglomerados em sua sala de estar. Desesperado, Katsuchiyo gritou, correndo para a porta:

\_\_KOHANA!!!!

Três soldados o seguraram no momento em que ele entrou na casa. Outros quatro sacaram suas katanas e as posicionaram em direção ao seu pescoço. Mas Katsuchiyo nem prestou atenção nisso, ele olhava fixamente para a enorme figura de preto que estava em sua frente.

Vestindo uma capa feita de couro negro retalhado e costurado de modo a lembrar cicatrizes, o monstro estava de costas, mostrando um pescoço branco e pálido, como a carne dos mortos.

Uma série de lâminas saíam de seus ombros, como se estivessem sido implantadas na carne do gigante. Ao longo das suas costas, uma série de ganchos curvos de metal furavam a capa de couro e desciam até a sua cintura, muitos deles manchados de sangue fresco. A cabeça do gigante tinha uma estrutura de metal em forma de cruz que estava presa por enormes pregos e que parecia espremer o crânio até o ponto de partes do cérebro ficarem à mostra.

Um dos seus musculosos braços portava um enorme gancho de metal, que saía do centro de sua mão e se projetava para frente. No outro, além dos vários espetos metálicos que saíam ao longo de toda a lateral do braço, o gigante segurava uma versão gigante das pequenas Shuriken usadas pelos ninjas de Kiosho, porém com um desenho muito diferente e com lâminas afiadíssimas.

O estranho shuriken era enorme e pesado, parecendo mais com um escudo do que com um arma de arremesso. E pela leveza com que o monstro segurava a estranha arma, ele devia ser muito forte. Muito mais forte do que qualquer guerreiro que Katsuchiyo enfrentara em sua vida de samurai.

O sangue de Katsuchiyo gelou. Ele viu que o enorme shuriken estava completamente banhado de sangue.

\_\_Ele finalmente chegou, hein?\_\_ disse o gigante, com uma voz gutural, como se tivesse vindo de um demônio preso em um poço muito fundo. O monstro se virou, e Katsuchiyo viu que Kohana estava no chão atrás dele, em meio à uma poça de sangue, com o seu tórax separado de sua cintura.

\_\_Kohana!\_\_ gritou Katsuchiyo, enquanto os soldados do Shogun seguravam seus braços com força.

Nesse momento, o gigante começou a rir, com uma gargalhada que gelou o sangue de todos os presentes. Katsuchiyo podia ver o seu rosto agora, uma visão impressionante. O gigante tinha toda a pele do rosto esticada pela estrutura de metal que estava presa em seu crânio e no lugar dos seus olhos, ele tinha uma placa de metal presa fortemente em suas têmporas.

A criatura não tinha lábios, eles tinham sido arrancados e estavam presos na

estrutura de metal através de tiras de ferro. Sua voz vinha de dentro de seu ser, como por mágica, mesmo quando seus dentes revestidos de metal não se moviam.

Katsuchiyo ficou cego de ódio e desespero. Ele mordeu um dos braços do soldado que estava à sua esquerda e agarrou sua katana. Em um movimento veloz e elegante, ele girou o corpo decapitando os três soldados que estavam em torno dele.

Mesmo depois de meses sem pegar na espada, os ensinamentos de Makura Kiosho guiavam sua fúria. Os quatro soldados restantes avançaram, mas Katsuchiyo desviou-se facilmente de seus ataques, cortando o primeiro do umbigo em direção à sua cabeça, decapitando o segundo e cortando a cabeça do terceiro pelo meio. O gigante estava impassível, e aguardava o ataque de Katsuchiyo.

O samurai aproveitou o embalo das últimas mortes e pulou em cima do gigante, girando seu corpo no ar para decapitar o monstro, que não fez nenhum movimento para evitar o golpe. Sua katana entrou pelo pescoço do gigante, batendo com um estrondo metálico em no osso que de sua garganta.

O gigante gargalhou e segurou Katsuchiyo pelo pescoço. Ele aproximou o samurai de sua face grotesca, e Katsuchiyo sentiu um cheiro horrível de podridão vindo de sua pele. O monstro disse:

\_\_Essa minha viagem até essa vilazinha miserável valeu a pena, Uragimono. O Shogun honrou seu trato comigo, de todos ex-samurais que recolhi em minha viagem até ao seu mundo nojento, você é o mais extraordinário. Mas não é páreo para um Nor, como eu, imbecil. Vai ser uma ótima adição para o meu time de Necrobol, verme mortal! Você será um sucesso nas arenas de Necropia.

E antes que Katsuchiyo pudesse reagir, uma agulha saiu do centro da mão do gigante e injetou um veneno esverdeado na garganta do samurai.

E à medida que Katsuchiyo sentia seus membros sendo paralisados, o monstro encostou em sua orelha e a arrancou com uma mordida. Depois de engolir, ele murmurou:

\_\_Não se esqueça, meu nome é Caronte, e você agora é meu escravo...

\* \* \*

Katsuchiyo fora levado para Necropia, a Terra dos Mortos. Mais tarde ele soube que Caronte tinha ido até Kriptus para arrumar ilegalmente guerreiros para compor as “barreiras” do seu time de Necrobol, os Mutiladores de Messalina. Essa prática era considerada ilegal pelas leis que regiam as Necrópoles, e Caronte teve que colocar todos os escravos que conseguira á leilão.

Todo carregamento foi comprado pela maior rival de Caronte, Verótika, a estrela dos Degoladores de Yzael, o time de Necrobol mais popular da capital do reino de Zohar.

A Nor, uma belíssima mulher de pele pálida, olhos completamente negros, longos cabelos vermelhos e com agulhas, ganchos e correntes presas em suas partes mais sensuais, se interessou por Katsuchiyo. e foi ela que, ao ver o ódio que Katsuchiyo sentia por seu captor, propôs ao samurai uma troca: a sua vida pela vingança que ele desejava.

\* \* \*

Caronte se aproximava de Katsuchiyo. O gigantesco Nor estava com a sua Kadasha, que era o nome do gigantesco Shuriken, uma arma comum dos guerreiros de elite de Necropia. Ao ver Katsuchiyo em meio aos guerreiros da barreira, Caronte gritou:

\_\_ Você é meu, verme!\_\_ e com um movimento do seu braço, ele lançou a Kadasha em direção à “barreira”.

Os primeiros guerreiros que estavam na frente de Katsuchiyo não tiveram sorte, sendo cortados na altura da cintura pela Kadasha. A arma, que girava em uma velocidade impressionante, ainda cortou o braço de um companheiro que estava ao lado do samurai antes de chegar nele.

Katsuchiyo se desviou, agachando, enquanto a sua espada continuava em sua transformação. Verótika tinha lhe dito que aquela era uma espada mágica, feita pelos maiores inimigos dos Nors, os Primevos. Ela tinha lhe dito que os Primevos eram como demônios da vida, e que representavam as forças caóticas que resistiam ao avanço da morte em Necropia. Katsuchiyo não entendera nada do que ela falava, mas apenas se interessou em um detalhe. Aquela arma era capaz de matar um Nor.

A Kadasha fez um círculo em torno de Katsuchiyo, destroçando completamente os demais guerreiros da “barreira” antes de retornar para as mãos de Caronte. O Carregador, um Nor com pernas fortes e deformadas, adaptadas para a velocidade, levava a Bola de Espinhos correndo atrás de Caronte.

Assim que ele viu que a barreira foi toda destroçada, o Carregador passou ao lado de Katsuchiyo e foi em direção ao gol, uma enorme caveira de metal com a boca aberta, que estava a vinte metros das costas do samurai.

A espada já tinha completado sua transformação, e Katsuchiyo viu que carregava algo monstruoso. A Kumarblade, como Verótika chamava a espada, era quase do tamanho do samurai. Ela tinha uma criatura de pele negro esverdeada em sua base, que envolvia toda a bainha.

Um olho demoníaco se abriu em um dos lados da criatura, e Katsuchiyo viu que ela tinha tentáculos que se enroscavam ao longo da lâmina. Dois tentáculos diferentes, com anéis ósseos em toda a sua extensão, saíram da base da bainha e entraram pelo seu pulso adentro, rasgando tecidos e se enroscando nos ossos e nos músculos do braço direito de Katsuchiyo.



Verótika disse que apenas os Kumarianos, o povo-simbionte aliados dos Primevos, sobreviviam à Kumarblade, mas ela disse que os poucos minutos que Katsuchiyo tinha de vida seriam o suficiente para sua vingança. Katsuchiyo sorriu. Ele morreria como um samurai.

Sentindo uma enorme infusão de força e energia em seu corpo, Katsuchiyo deu um gigantesco salto em direção ao Carregador dos Mutiladores de Messalina, girando o corpo no ar como um furacão. Caronte, cuja Kadasha estava novamente em sua mão, girou o corpo e lançou novamente o gigantesco disco-estrela de metal em direção a Katsuchiyo. O samurai, alertado pelos sentidos ampliados fornecidos pela Kumarblade, deu mais um mortal no ar, desviando-se do ataque de Caronte.

O Carregador, que corria com a Bola de Espinhos concentrado em ir em direção ao gol, não viu Katsuchiyo descendo sobre ele como uma tempestade assassina. O samurai girou a massiva Kumarblade e, no momento em que o Carregador olhou para cima, alertado pela sombra criada pelo corpo de Katsuchiyo, a espada partiu seu crânio, seu pescoço e seu tórax em duas partes.

A Bola de Espinhos caiu pesada no chão, junto com as partes do corpo do Carregador. Apesar do dano, os membros mortos-vivos do Carregador ainda mexiam. Porém, uma gosma energética esverdeada brilhava nos locais do corte, e iam devorando o Nor. Em poucos segundos, os membros pararam de se mexer.

Caronte parou de correr e olhava surpreso para a cena. Ele pegou a Kadasha no ar com seu enorme braço direito, virou-se para a Tribuna Real e gritou:

**\_\_UM SHEM CARREGANDO UMA ARMA KUMARIANA! PEÇO ANULAÇÃO DO JOGO!**

Porém, o Imperador Thaumiel, que estava junto com a família real e os Magistratos, permaneceram impassíveis. A multidão urrava de excitação. Uma forte voz feminina surgiu saindo do Labirinto.

\_\_Não adianta Caronte. Eles não irão fazer nada. Essa é a sua punição por traficar escravos ilegalmente. Todas as casas de Mercadores de Escravos estão apoiando secretamente essa punição. Seja um Nor e enfrente esse reles Shem. Se você vencer, eu deixo você marcar o gol, ok?

Caronte olhou para Verótika com desejo de estraçalhar a desgraçada. A vadia tinha preparado tudo para acabar com seu time. Ele tinha falhado como capitão, e pelo visto, com os demais jogadores de Verótika saindo ilesos do labirinto, seus demais companheiros de equipe tinham sido destruídos.

Mas ele ainda tinha uma saída. Acabar com o verme que estava na sua frente. Com ou sem uma Kumarblade, ele seria capaz de destruir aquele Shem antes que ele pudesse fazer alguma coisa. Afinal, ele era Caronte, um filho orgulhoso da Linha de Sangue Barlith.

Sim, ele venceria esse verme, e depois seria a vez de Verótika. Vou arrancar a sua cabeça na frente da família real!

\_\_Vamos, verme, o que você está esperando!\_\_ gritou Caronte, correndo em direção à Katsuchiyo.

Caronte girava a Kadasha em sua mão direita, transformando a arma em uma serra giratória de alta velocidade. Em sua mão esquerda, o gigantesco Nor acionou a sua garra envenenada, a mesma que usara para paralisar Katsuchiyo.

O samurai, ao invés de ir em direção ao Nor, adotou a mais tradicional postura de defesa do seu estilo de luta e aguardou o ataque de Caronte, concentrando todo o ódio que sentia na lâmina da Kumarblade.

Caronte atacou, desferindo um golpe circular com a Kadasha em direção ao tronco de Katsuchiyo. O samurai aparou o golpe com a Kumarblade em uma explosão de faíscas saídas do encontro das lâminas. Se não fosse pela força extra fornecida pela Kumarblade, os braços do samurai teriam sido arrancados devido a enorme força do golpe.

Caronte, aproveitando o momento, atacou com a sua mão esquerda, procurando atingir Katsuchiyo com a garra envenenada. Antecipando ao seu movimento e tirando vantagem da diferença de tamanho entre os dois, Katsuchiyo se lançou para baixo, como se estivesse caindo, e deu um rolamento para trás, se distanciando de Caronte.

Antes que o Nor reagisse, Katsuchiyo deu um gigantesco salto por cima do Nor, e girando o corpo violentamente, atingiu Caronte no pescoço, da mesma forma que fizera em Kriptus. E mais uma vez, a lâmina parou nos ossos metálicos do gigantesco Nor.

\_\_Idiota! Sou um Barlith, verme! Temos ossos revestidos do aço mais duro de Necropia, ninguém jamais decapitou um Barlith! Agora é hora de você morrer, vermezinho!

Katsuchiyo insistia com a Kumarblade presa na garganta do Nor. Ele estava atrás do Nor, seguro pela espada cravada na parte de trás de seu pescoço e com os pés apoiados em suas enormes costas. Ele não podia falhar novamente. Caronte moveu o braço para trás, com a Kadasha girando rapidamente, em direção ao tórax do samurai.

\_\_MORRRRAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAA!\_\_ gritou Katsuchiyo.

Nesse momento, os tentáculos que estavam presos na base da Kumarblade se projetaram para fora, enroscando-se em torno do pescoço de Caronte. O tentáculos apertaram com uma força impressionante, forçando a lâmina a atravessar completamente os ossos metálicos do Nor.

Ao mesmo tempo em que a cabeça de Caronte era arrancada, a Kadasha cortou parte do tórax de Katsushiro, fazendo-o soltar a Kumarblade. A cabeça de Caronte caiu ao

chão, e enquanto ele gritava, ela foi consumida pela gosmenta energia esverdeada que brilhava nos locais do corte.

A voz de Caronte foi sumindo, deixando um silêncio em toda a arena. A multidão, impressionada pelo raro evento de um Nor sendo destruído por um Shem em uma partida de Necrobol observava incrédula. Verótika se aproximou do samurai, que se esvaía em sangue no chão da arena. A bela Nor se abaixou e colocando a cabeça de Katsuchiyo em seu colo, disse:

\_\_Parabéns meu escravo... Você cumpriu o seu papel. Olhe, todos estão surpresos com você. Todos estão esperando a decisão do Imperador quanto ao seu destino, samurai.

Nesse momento, o Imperador Thaumiel se levantou na tribuna. Suas enormes asas feitas de pele humana e metal se estenderam. Ele estendeu o braço e fechou a mão, levantando apenas o polegar. A multidão aguardava ansiosa. Depois de uma pausa dramática, o imperador girou a mão, direcionando o polegar para o chão.

Katsuchiyo sabia exatamente o que significava aquele símbolo: o seu destino era a morte. A multidão explodiu em celebração.

\_\_Kohana...\_\_ balbuciou o samurai, fechando os olhos...

\* \* \*

Semanas depois, os Degoladores de Yzael voltavam a jogar, agora no campeonato mundial de Necrobol. Times dos mais distantes Reinos tinham enviado caravanas para Yzael para as primeiras partidas e todos comentavam sobre a decisão do campeonato nacional e sobre o fim dos Mutiladores de Messalina.

E na primeira partida dos Degoladores, um dos jogadores foi mais ovacionado pela multidão do que a capitã Verótika. Era Katsuchiyo, agraciado com a maior graça que o Imperador Thaumiel poderia conceder à um Shem: ele agora era um Nor, um morto-vivo da elite de Necropia, a Terra dos Mortos.

Katsushiro, que teve a sua cabeça implantada no gigantesco corpo que tinha sido de Caronte, se resignava ao seu destino imortal. Ele agora era uma das estrelas das terras dos mortos. Ele era agora um imortal. E novamente, seu suicídio tinha sido recusado pelo Imperador. A única coisa que lhe restara era jogar Necrobol da melhor forma que podia.

Quem sabe um dia, voltar para Kriptus e capturar um samurai para fazer parte da “barreira” de seu time.

Escrito por Newton “Nitro”  
Publicado na revista D20 Saga nº3.  
“Kriptus” é uma criação de Cláudio Muniz.

## MUNDO DE NECROPIA

Kadasha – Uma das armas mais terríveis de Necropia. Trata-se de uma enorme disco de metal em formato de uma estrela de quatro pontas, com as bordas extremamente afiadas. O metal é tratado alquímicamente para ser praticamente inquebrável, mas por serem muito pesadas (cerca de oitenta quilos), elas só podem ser usadas por guerreiros muito fortes. Elas são usadas como armas de mão ou são arremessadas a distância. Algumas Chadashas são mágicas, retornando para a mão do lançador logo depois de arremessadas.

Kiosho – Principado de Kriptus.

Kriptus – Império da Magia, situado no Mundo de Tron. Um dos locais onde os Mercadores da Morte de Necropia fazem a sua “colheita” de escravos.

Ktonor – Também conhecido como o Olho do Vazio, é o nome do buraco negro que devora o sol de Necropia. É também a fonte de poder dos Nors e de todas criaturas não-vivas de Ereth.

Linha de Sangue Barlith – Uma das Linhas de Sangue dos Nors, que são variações dos Nors Primordiais, os primeiros não-vivos criados pelos Sefiras, os deuses de Necropia.

Necropia – Ou Ereth, A terra dos mortos, um mundo onde os deuses (os Sefiras) resolveram se vingar dos vivos e deixar os mortos governarem à seu bel prazer. Controlada por um tipo especial de mortos-vivos, os Nors perseguem os vivos (os Shems) para usarem como escravos, comida ou peças de reposição para seus corpos eternos.

Nors – Os mortos vivos de Necropia. Os Nors são muito diferentes dos mortos-vivos comuns. Eles são completamente inteligentes, possuem pele alva e olhos negros com pupilas brancas. São imortais; porém dependem da energia necrótica que é emitida por Ktonor, o buraco negro que devora o sol de Necropia.

Yzael – O nome da capital de Zohar, o principal reino de Necropia.

FIM